

Economia *Brasil*

Ritmo desigual para crescer

■ Cai produção dos setores voltados para consumo interno, enquanto bens de capital, exportadores e construção se reanimam

Arquivo - 23/9/97

SONIA JOIA

Recessão para uns, crescimento indiscutível para outros. Qual é a situação vivida pelo país hoje? Nos últimos meses, as empresas que produzem bens de consumo para o mercado interno pisaram fundo no freio; enquanto as que exportam, as produzem máquinas e as que tocam as construções voltaram a se animar. Na média, o país crescerá 3% este ano, na pior das estimativas. Mas, como ninguém vive de estatísticas no dia-a-dia, a discussão é séria.

“Uma pessoa pode estar com a temperatura média normal, mas a cabeça no forno e os pés na geladeira”, lembra o economista Márcio Garcia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio). “Mas conceitualmente não dá para falar em recessão com crescimento de 3% no ano”, afirma.

Em 1996, um ano considerado bom, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 2,9%. O que puxou a economia foi o crescimento do mercado interno, a produção de alimentos, roupas e eletrodomésticos. Agora, tomam a dianteira as construtoras e fornecedoras de equipamentos e materiais utilizados nas reformas de rodovias, a agricultura de soja e café para a exportação, os setores de energia elétrica e telecomunicações que se modernizam aceleradamente para a privatização. São setores que fazem o PIB crescer, mas que não são sentidos no dia-a-dia.

“Na área de bens de consumo, podemos dizer que há uma recessão”, afirma o chefe do Departamento de Indústria do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sílvio Sales. “Mas não no país, onde os investimentos estão sendo retomados e o sinal é inverso.” A fase atual seria de estagnação ou “estabilização”, como prefere Sales, frente ao nível de atividade do segundo semestre de 1996, quan-

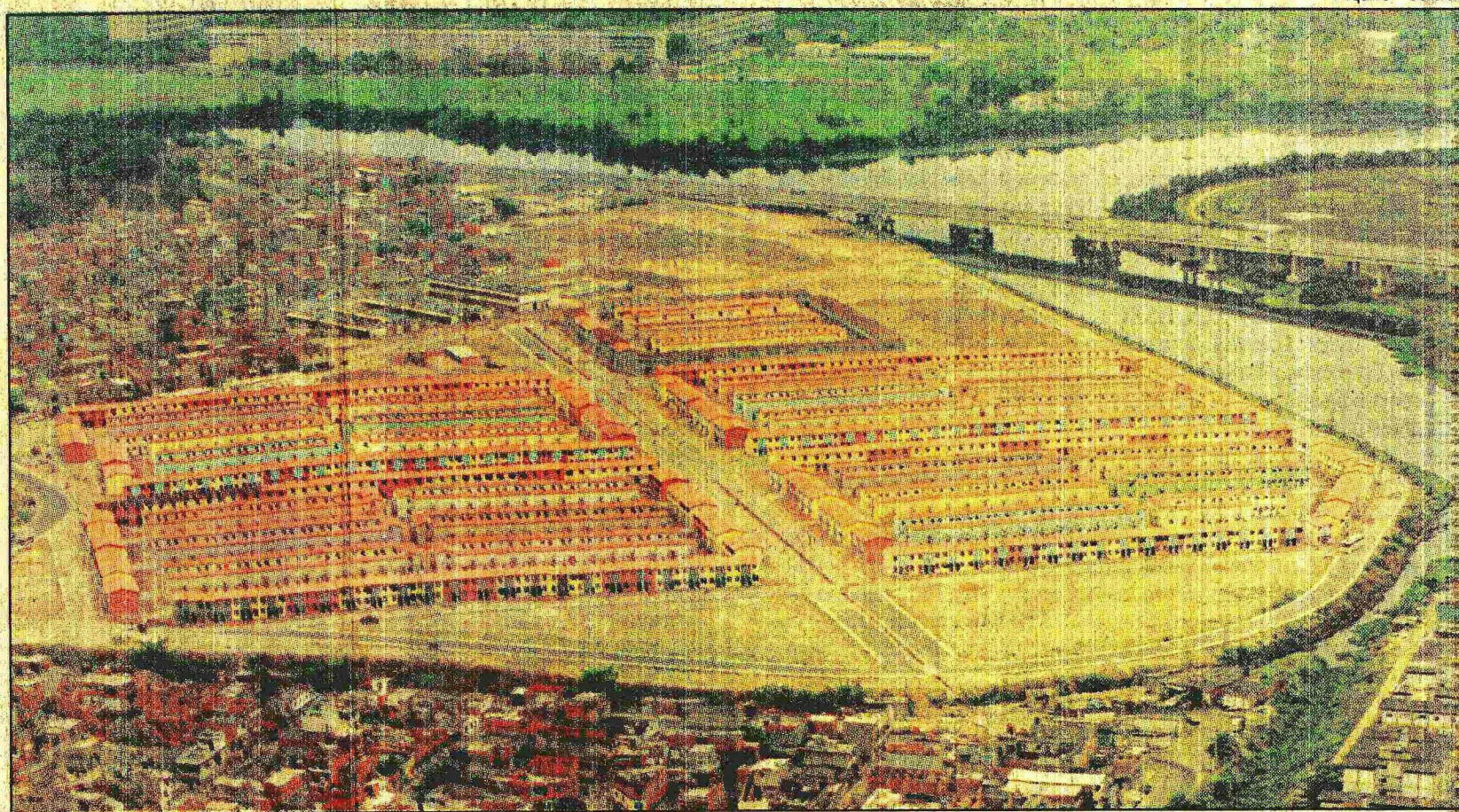
do a economia estava aquecida. Como o PIB é uma comparação de uma média (no caso, a de 1996) contra outra média (a de 1997) e o primeiro semestre de 1996 foi muito fraco, basta que não haja uma queda para garantir o salto de 3% de um ano para o outro.

“O Natal de 1997 será o pior dos últimos quatro anos”, prevê o economista Francisco de Assis, ex-superintendente do IBGE e hoje diretor do Banco Marka. Ele não apóia, porém, a tese de recessão. Acredita, sim, numa estagnação da economia. “Com a abertura comercial, a queda nas vendas tem logo impacto sobre os lucros. Por isso chamam a desaceleração atual de recessão. Os preços ainda são altos e há espaço para redução nas margens”, avalia.

O economista Antônio Salazar Brandão, diretor do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), está preocupado com a redução nos lucros. “Os preços industriais, que vinham subindo cerca de 0,4% ao mês, começaram a cair. A retração ainda é pequena, cerca de 0,5%, mas pode ser perigosa porque muitas empresas já haviam reduzido seus custos ao máximo e podem ter prejuízo”, afirma.

Na área de bens de consumo, o desaquecimento é realmente fortíssimo. Na chamada linha branca (fogões, geladeiras, fornos etc.), é onde o fantasma da recessão mais se materializou: queda de 27,8% na produção em julho (frente a julho de 1996), contra uma alta de 8,7% no primeiro semestre.

O que puxa então o crescimento? Os chamados bens de produção, matérias primas e máquinas, consumidos pelas empresas e não pelos assalariados. A produção de cimento, que já havia crescido 11,1% no primeiro semestre, deu novo salto de 9% em julho.



A construção civil é um dos ramos que sustenta os índices positivos da economia brasileira. O setor impulsiona a produção de aço e cimento.

120